

## O TRATAMENTO DIRECIONADO ÀS VARIEDADES LINGUÍSTICAS NO CONTEXTO DA SALA DE AULA

Paloma da Silva Oliveira;  
Leticia da Silva Queiroz.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte ([paloma-oliveirasilva@hotmail.com](mailto:paloma-oliveirasilva@hotmail.com); [leticiasilva-queiroz@hotmail.com](mailto:leticiasilva-queiroz@hotmail.com))

**Resumo:** Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada em uma escola de ensino fundamental, a qual teve como objetivo investigar o tratamento dado pelos professores à diversidade linguística na sala de aula. Dentre os objetivos específicos da nossa pesquisa, destacamos: (i) descrever as variedades linguísticas que os alunos utilizavam ao dialogarem com os colegas e o professor; (ii) interpretar os fatores sociais que influenciam na escolha das variedades empregadas na comunicação entre os falantes; e (iii) refletir sobre como o professor se coloca diante da influência da norma padrão/culta no contexto de sala de aula e como aborda outras regras variáveis desprestigiadas, especialmente de concordância nominal e verbal na língua portuguesa. Para realização da pesquisa, tivemos como apoio teórico os conceitos e postulados da Sociolinguística, seguindo os trabalhos de Alkmim (2001) e Bagno (2007), entre outros autores que estudam e discutem sobre o fenômeno da variação e da mudança linguística. A pesquisa foi realizada em uma escola pública do ensino fundamental, localizada na cidade de Alexandria/RN. Observamos 20h/a de Língua Portuguesa nas turmas de 6º e 9º ano, e, utilizando de instrumentais da pesquisa de campo, fizemos anotações no decorrer das aulas, registrando os procedimentos metodológicos do professor ao abordar conteúdos relacionados à variação linguística. As notas de campo tiveram como base um roteiro com questionamentos referentes a esse fenômeno, e se constituíram como *corpus* de análise para o trabalho. Diante da análise dos dados, percebemos que há ainda problema de formação teórica a respeito desse assunto, evidenciando a necessidade do professor aprofundar-se mais nas questões relativas às variedades linguísticas, sobretudo dominar a terminologia para se referir com clareza a conceitos como língua, variação, variedades, variantes, norma padrão/norma culta. Além disso, levando em conta a heterogeneidade constitutiva à língua, observamos uma dificuldade do professor de saber lidar com eventuais usos diferentes que o aluno faz da língua portuguesa, principalmente aqueles que mais se distanciam da variedade prestigiada socialmente. Tal dificuldade acabava tornando inevitável a reprodução do preconceito linguístico em sala de aula. Em determinadas situações, por exemplo, o professor utilizou termos como “matou o português”, reprimindo um aluno por ter falado o termo “mar melhor”, fato que gerou uma série de piadas e risadas, demarcando, assim, o preconceito linguístico tanto por parte do professor como também dos outros alunos. Desse modo, concluímos que a Sociolinguística no âmbito escolar, tem um papel fundamental, sobretudo pelo fato de tratar das diversidades linguísticas, levando em conta que a língua, nessa concepção, é heterogênea, variável e multifacetada. A partir da realidade vivenciada e dos resultados alcançados, destacamos a necessidade do professor ser conhecedor dos estudos sociolinguísticos para saber lidar com essas diversidades, saber fazer com que o aluno reflita sobre sua língua materna e não reprimi-lo por uma forma linguística que falou ou escreveu de forma “errada”, pois, na concepção sociolinguística, não existe uma língua “certa” ou “errada”, nem mais “bonita” ou “feia”, o que existem são variedades diferentes na língua para que o falante possa se adequar aos diferentes contextos de uso.

**Palavras-chave:** variação linguística, ensino de língua materna, professor, sala de aula.

## **1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Os estudos voltados para a sociolinguística ganharam força na década de 60, sob comando de William Bright que impulsionou outros estudiosos a pesquisarem a relação entre linguagem e sociedade. Esse episódio foi de suma importância para delimitar o que chamamos de variação linguística e preconceito linguístico. A partir daí, diversos autores dedicaram-se a fazer pesquisas sobre esses fenômenos linguísticos e sociais. A sociolinguística vem trazer a concepção de que não existe uma língua mais “bonita”, ou mais “certa”, como é imposta pela norma-padrão, que é um modelo idealizado de língua, sendo considerada correta, fixada, concreta, um produto homogêneo, e é justamente por essa concepção de língua heterogênea que a sociolinguística traz a percepção de uma língua variável, um produto inacabado e que está em constantes transformações.

Para abordar as discussões neste trabalho, nos submetemos a observar 20 h/a de língua portuguesa do ensino fundamental, com o objetivo de averiguar o tratamento dado pelo professor às variedades linguísticas que são utilizadas pelos alunos. Para a construção da fundamentação teórica, tivemos como apoio Bagno (2007) e Alkmim (2001), autores que estudam e discutem os fenômenos linguísticos. A pesquisa foi realizada em uma escola pública do ensino fundamental, localizada na cidade de Alexandria RN. Contamos com o apoio dos professores de língua portuguesa do 6º ao 9º ano, que nos permitiram observar as aulas em suas respectivas turmas. Para registrar os dados coletados, fizemos anotações no decorrer das aulas, com base em um roteiro com questionamentos referentes à variação linguística, e o tratamento dado pelo professor à diversidade linguística presente na sala de aula. Os alunos apresentavam faixa etária entre 11 a 17 anos, de modo geral, a maioria era do sexo masculino, e também crianças provenientes de famílias pertencentes às classes desfavorecidas socialmente.

Logo adiante, apresentaremos um pequeno percurso da história dessa área da linguagem, para compreender as variações linguísticas. Após isso, iremos expor a análise dos dados obtidos a partir da observação das aulas, e em seguida, a conclusão com os resultados alcançados pela pesquisa.

## **2 APARATO TEÓRICO**

### **2.1 Contexto histórico**

É inegável a relação entre linguagem e sociedade, interligadas entre si, e são responsáveis pela construção da identidade do ser humano, levando em conta que são seres

organizados em sociedade, e dotados de um sistema oral de comunicação, isto é, de uma língua. Para tratar dessas relações entre linguagem e sociedade, existe uma área da linguística especialmente desenvolvida com intuito de discorrer sobre esse fenômeno linguístico, que é a sociolinguística.

Para compreendermos melhor os estudos sobre a sociolinguística, é necessário fazer um pequeno percurso histórico acerca dessa disciplina que é muito importante para os estudos da linguagem. Muitos estudiosos dedicaram-se a estudar sobre o fenômeno linguístico, com posturas teóricas de acordo com a cultura e época em que estavam inseridos. Iniciando com a concepção estruturalista de Saussure, em seu *Curso de Linguística Geral* em 1916, em que Saussure põe a língua em oposição à fala, deixando de lado a fala e focando seus estudos na língua, na concepção Saussureana, a língua era invariável, homogênea e um sistema fechado.

O linguista alemão Augusto Schleicher põe a língua no plano das ciências naturais, em que a língua é comparada a uma planta que nasce, cresce e morre. Com isso, é aplicado o conceito de evolução, o Darwinismo, desenvolvido por Darwin, já que a língua nessa concepção é vista como um organismo natural, sendo assim, afastava completamente toda consideração de cunho social e cultural da linguagem. Em contrapartida, Millet vem pôr que a história das línguas é inerente da cultura e da sociedade. Outro teórico, Bakhtin (1929) critica radicalmente a postura saussureana, trazendo a concepção de comunicação social ligada a fatores de interação. Depois disso, vieram estudiosos como Jakobson (1960), que dá privilégio ao processo comunicativo de um modo mais geral, com isso, priorizando as funções da linguagem. É importante ressaltar que:

É dentro da, e pela língua que individuo e sociedade se determinam “mutuamente” dado que ambos só ganham existência pela língua. É que a língua é a manifestação concreta da faculdade humana da linguagem, isto é, da faculdade humana de simbolizar. (ALKMIM, 2001, p.26, grifo do autor).

Conforme a citação, podemos perceber a visão sobre a língua, que para ele é inseparável da sociedade, uma não existe sem a outra, estão intimamente entrelaçadas e entremeadas, e também para o referido teórico, é através da língua que o homem constrói sua identidade e se relaciona com seu meio e com os outros indivíduos.

Depois de toda essa trajetória Sobre os estudos dedicados à linguagem, surge a sociolinguística, uma área da linguística, que teve início em 1964, em um congresso na Universidade da Califórnia em Los Angeles, organizado por William Bright, que reuniu diversos autores, que em consequência disso consolidaram seus estudos voltados para a

linguagem e sociedade. Segundo Alkmim (2001), para o autor Bright, o objeto de estudo da sociolinguística é a diversidade linguística, ou de forma mais direta, é o estudo da língua falada, analisada, observada, descrita em seu uso real no contexto social. Com relação à diversidade linguística, o autor identifica um conjunto de fatores sociais sobre os quais estão supostamente relacionados ao fenômeno linguístico, como:

- a) Identidade social do emissor ou falante- relevante, por exemplo, no estudo dos dialetos de classes sociais e das diferenças entre falas femininas e masculinas;
- b) Identidade social do receptor ou ouvinte-relevante, por exemplo, no estudo das formas de tratamento, da *baby talk* (fala utilizada por adultos para se dirigirem aos bebês).
- c) O contexto social-relevante, por exemplo, no estudo das diferenças entre a forma e a função dos estilos formal e informal [...];
- d) O julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, isto é, as atitudes linguísticas. (ALKMIM, 2001, p.28-29, grifo do autor).

Nesse sentido, podemos perceber que a língua varia, e isso acontece por diversas razões e circunstâncias. Variação linguística é decorrente de uma sociedade heterogênea, pois se existe uma sociedade variável, mutável e instável, assim também será a língua, já que na concepção dos sociolinguistas, é impossível estudar a língua sem estudar a sociedade, uma está intimamente ligada à outra, numa relação intrínseca. Nessa perspectiva, o trabalho da sociolinguística implica em dizer que a variação linguística não é vista como um problema, que tem que ser cortado pela raiz, e sim como uma qualidade para a construção da identidade linguística do falante.

## 2.2 Variações linguísticas na escola

A escola sem sombra de dúvidas, é um dos lugares onde fica mais evidente a diversidade linguística, por se tratar de um ambiente heterogêneo, em que se estabelece a comunicação e interação entre os alunos com seus diferentes modos de falar. Tendo em vista isso, cabe aos profissionais e à escola saber lidar com essas questões da variação linguística na sala de aula. Para isso, o professor deve levar em consideração o contexto social em que o aluno está inserido, ele deve ser conhecedor das causas e consequências da variação para saber lidar com eventuais situações que possam ocorrer durante o processo educacional. O profissional deve estar ciente que os educandos já trazem para a sala de aula sua bagagem cognitiva de conhecimento verbal, que advém do seu convívio familiar, e do seu meio social,

consequentemente, isso influencia no modo de falar dos alunos, cada qual com suas particularidades e maneiras diferentes de se comunicar.

Preocupado com essas questões da variação linguística, principalmente na escola, Bagno (2007) propõe uma reeducação sociolinguística, mas que não tem nada a ver com “correção” ou substituir uma variedade da língua por outra considerada mais “bonita” ou mais “certa”, essa reeducação consiste em fazer o aluno aprender outra variedade da língua, partindo do que o aluno já sabe para que ele possa fazer o bom uso da sua língua materna com eficiência, e também se adequar às várias situações de interação e contextos diferentes de uso da língua.

### 2.3 Preconceito linguístico

O preconceito linguístico está relacionado com os julgamentos ligados às variedades linguísticas, presentes numa determinada língua, comunidade, grupo social. Sabe-se que a língua, sendo variável e heterogênea, está em constantes mudanças, passando por transformações e que a norma culta ou variedade padrão é vista na sociedade como “correta” e “certa”, consequentemente, as diversas formas de falar que existem em uma comunidade ou região sofrem preconceitos pelo pensamento que é fruto da ignorância dos quem vivem e interagem socialmente. Nessa perspectiva, Bagno diz que: “A sociolinguística nos ensina que **onde tem variação (linguística) sempre tem avaliação (social)**”. (BAGNO, 2007, p.79, grifo do autor). Com isso, a avaliação sendo considerada social quer dizer que não é exatamente a língua que está sendo avaliada, mas sim a pessoa que faz o uso dela daquele modo.

Os julgamentos só existem pelo simples fato de pensar que existe apenas uma maneira de falar “bonita” e “perfeita” e que tais formas devem ser “seguidas” por todos que partilham da linguagem. Mas não é bem assim que deveria acontecer, a sociedade necessitaria mudar sua visão em relação às variedades linguísticas, principalmente da norma padrão, sendo também uma variedade usada, sobretudo pelas classes dominantes.

## 3 ANÁLISE DOS DADOS

A observação foi realizada em uma escola pública do ensino fundamental, nas turmas do 6º ao 9º ano, com dois professores, um professor do 6º e do 7º ano matutino e o outro do 8º e 9º ano vespertino. Já nas primeiras observações, podemos perceber as variedades linguísticas que os alunos realizam ao conversarem com os colegas e até mesmo com o professor.

Percebemos a diferença de vocabulário, entre meninas e meninos, os garotos empregavam em suas falas, bastante o termo “os caba”, já na oralidade das meninas, foi perceptível o uso de palavras no diminutivo como “mulherzinha”, “bestinha”, sendo que a forma coloquial é presente na interação entre os colegas e também de aluno para professor. A falta de monitoramento estilístico é notável, a maioria dos alunos não tinham total controle sobre suas atitudes verbais no ambiente escolar, portavam-se de comportamentos preconceituosos ao falar da forma de se comunicar de um determinado colega, ou pelo simples fato da ocorrência da troca ou esquecimento de um determinado elemento da palavra pronunciada oralmente por uma aluna, exemplo a palavra “metamorfose” que a garota pronunciou “metafose”, a aluna foi motivo de xingamentos, ocasionando provocações e fofocas pelo resto da turma.

Um exemplo da influência da norma padrão na sala de aula mostrada como “correta” e “certa” foi observada através da correção que um garoto fez com sua colega, corrigiu-a na frente de todos os alunos pela pronúncia da palavra “lapiseira” que a própria pronunciou “lapizera”, o aluno a reprimiu dizendo: “não se fala lapizera! O certo é lapiseira!”. em nenhum momento, houve repreensão por parte do professor para com o comportamento do garoto. Em outra ocasião, o professor repreendeu um aluno pela utilização na oralidade do termo “mar melhor”, o professor disse em voz alta que ele “matou o português”, os alunos, então, começaram a dar risadas, o professor continuou a falar que não precisava estar falando “mar melhor”, apenas tentar falar “corretamente”. Outra aluna reprimiu o professor dizendo: “- não sabia que professor errava não!” pelo fato de haver dúvidas do professor com uma palavra do livro. Um ponto importante que foi observado foi que no momento em que os alunos responderam umas atividades na sala, através da interação entre grupos, alguns alunos se utilizavam de uma linguagem mais rebuscada, esquecendo-se da linguagem coloquial, mas apenas no momento da resolução dos exercícios.

A presença de neologismos decorrentes da influência tecnológica é bastante presente nas interações entre ambas as partes aluno-professor, professor-aluno, temos como exemplo a utilização de palavras como: “face”, “postar”, “whatsapp”. A presença de gírias no ambiente escolar foi bastante visto, foram utilizados termos como: “ai que vida bandida”, “arroche” “massa” “que maneiro”, foi bastante presente também as variações fonético-fonológicas da pronúncia, por exemplo, da palavra “não” por “num”, exemplo: “eu num vou não”. A marcação do plural no primeiro elemento do sintagma foi bastante utilizada, exemplos como: “os menino escreve”, “as questão tá difícil”, “os amigo”, a troca da letra “d” pelo emprego da letra “n” em palavras em como: “lesano”, “pensano” “dizeno”.

Diante das observações, houve a necessidade de reflexão a respeito do que vem a ser variedade linguística dentro da sala de aula, e como é vista pelos educandos e educadores no contexto de ensino-aprendizagem; a forma com que o professor lida com as variações linguísticas, sobretudo, com a variedade da norma padrão e como a própria influência positiva ou negativa as relações de ambas as partes professor-aluno, aluno-professor e até outros contextos sócio-comunicacionais.

Primeiramente, consideramos a presença de fatores que, por sua vez, influenciam na comunicação dos falantes, como diz Alkmim:

A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Neste sentido podemos apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto de natureza social. (ALKMIM, 2001, p.35).

Segundo o autor, tais fatores são de extrema relevância no que diz respeito à organização da fala e do sujeito que a pratica na sociedade. Temos como exemplo nas observações em sala de aula, já citadas anteriormente, palavras ligadas aos fatores como o gênero que caracterizam a oralidade do sujeito falante, palavras como “mulherzinha” ou “bestinha” que foram faladas por meninas, também pela utilização de gírias, que são característicos na fala de pessoas mais jovens. Assim sendo, de acordo com Alkmim (2001), o uso de gírias caracteriza idades mais jovens, e o uso de palavras em diminutivos marcam a fala de mulheres.

Nas observações, analisamos, segundo Bagno (2007), as regras de concordância nominal e verbal presentes nos traços variáveis da língua, constatados no meio escolar. Temos como foco o exemplo já citado “os menino escreve”, que segundo o autor:

No caso das variedades mais estigmatizadas, o princípio básico é o da **eliminação das marcas redundantes de concordância**. A indicação da pluralidade se faz de maneira suficiente por meio de uma **única marca morfológica**, que aparece no primeiro do grupo a ser pluralizado: (a) Essas boneca bonita (BAGNO, 2007, p.221, grifo do autor).

Constata-se que a indicação de pluralidade no primeiro elemento do sintagma já é suficiente para a compreensão do falante e receptor da mensagem.

Foram perceptíveis alguns traços graduais na fala dos alunos, ou seja, traços comuns a todos os falantes da língua, retomando a frase dita por um aluno “eu **num** vou **não**”, Bagno (2007) nos dá explicações sobre a pronúncia do advérbio “nãõ” por “num”, ou o **aparecimento**

da negação depois do verbo, o autor fala que o primeiro “não” pronunciado pode ter uma pronúncia fraca e falado rapidamente pode reduzir-se a um som nasal, já o segundo é uma característica própria da fala dos brasileiros. Ou em palavras como pensano (pensando), o autor explica sobre a terminação do gerúndio – NDO, enfocando que “n” e “d”, sendo oclusivas alveolares, possuem características parecidas, fazendo um dos fonemas ser semelhante ao outro.

Tomando como foco a percepção da variação linguística pelos alunos na sala de aula, é notável a falta de consciência do aluno sobre o uso da língua nas diversas perspectivas de uso, existem carências no que se diz respeito às reflexões sobre as variações linguísticas em diferentes contextos sócio-comunicacionais. A influência da norma padrão vista como “certa” e “correta” é inteiramente presente nas interações entre os alunos. Temos como exemplos: “não sabia que professor errava não”! Ou em “não se fala lapizera! O certo é lapiseira!”

Notamos também o quanto os professores estavam preocupados com o conteúdo em si dado na sala de aula, não se utilizando de reflexões a respeito da importância das variações da língua e como utilizá-las de forma adequada sem constranger, nem oprimir alguém pela forma de falar, pois segundo Alkmim (2001), a língua manifesta o mundo em que vive o sujeito que pratica a linguagem, seja ele físico ou simbólico. Assim sendo, o mundo do falante deve ser respeitado e se a língua não é respeitada, dita como “errada” e “incorreta”, o mundo dele também não é respeitado.

Em expressões como: “não precisa estar falando “mar melhor” apenas tente falar corretamente”; percebe-se que o professor praticante da fala não se preocupou em nenhum momento com o contexto em que vive o aluno, e o porquê que ele fala assim, em nenhum momento, veio a percepção que a língua sendo heterogênea pode assim variar, não houve por parte do educador a necessidade de mostrar a ele que existe a “adequação vocabular”, e quais situações são adequadas falar termos como “mar melhor” ou “melhor”. O mais sensato a ser feito pelo professor era fazer o aluno refletir sobre sua língua, levando o aluno a tomar conhecimento das variantes que a língua possui, mostrando as explicações para seu modo de falar, e não reprimir a variedade que o aluno domina.

Fazendo retorno às postulações teóricas, com base nos estudos de Bagno (2007) e Alkmim (2001), no que diz respeito aos dados coletados pela pesquisa, sendo que o objetivo desse trabalho é fazer reflexões sobre como a variedade linguística é vista e presenciada dentro das práticas de ensino-aprendizagem, é importante ressaltar sobre a identidade do aluno na sala de aula. Constatamos, assim, por meio dessa pesquisa, como essa identidade é construída na interação, na troca de conhecimentos, feita somente pela linguagem, que por sua

vez está inteiramente ligada e dependente do meio social, e que através da língua, que o professor e o aluno conseguem adquirir conhecimento e passar o conhecimento, manifestando a faculdade humana da linguagem, como diz Alkmim (2001). Nota-se também que na sala de aula, foram presenciados muitos julgamentos por parte de ambos, educador e educando em relação às variedades linguísticas, o preconceito linguístico crescente com base na importância que é dada à norma padrão.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com tudo o que foi discutido até aqui, podemos dizer que a sociolinguística é fundamental para tratar das questões relacionadas aos fenômenos linguísticos, sobretudo das variações linguísticas presentes em qualquer comunidade de fala.

Observamos que a linguagem trazida pelos alunos na sala de aula está ligada aos contextos culturais em que eles estão inseridos, e que o conhecimento é construído a partir da interação entre os falantes, todos partilham de diferentes vocabulários, diferentes variações que se entrelaçam na relação de comunicação.

Depois da nossa análise, acreditamos que ainda há uma necessidade do professor aprofundar-se mais nas questões das variedades linguísticas, levando em conta a heterogeneidade da língua, para saber lidar com eventuais usos diferentes que o aluno faz da língua, podendo gerar preconceito linguístico, por parte de outros alunos. E cabe ao professor ser conhecedor dos estudos sociolinguísticos para saber lidar com essas diversidades, e fazer com que o aluno reflita sua língua materna e não reprimir por algo que o aluno falou ou escreveu de forma “errada”, pois na concepção sociolinguística, não existe uma língua “certa” ou “errada”, nem mais “bonita” ou “feia”, e sim que existem variedades diferentes na língua para que ele possa se adequar aos diferentes contextos de usos. As reflexões acerca das variedades linguísticas devem ser colocadas em prática dentro da sala, o professor deve ter conhecimento sobre a língua e suas diversas variedades, saber respeitar a fala do outro, e ter um novo olhar, no que se diz respeito à norma padrão, dizer aos seus alunos que a norma culta é importante, mas que ela não é a única, o educador precisa falar sobre os diferentes contextos em que a língua é usada e como as variedades são relevantes para o processo de ensino contextualizado com a cultura, com a identidade de cada aluno.

Nossos estudos contribuíram para enriquecer nosso conhecimento sobre o papel da sociolinguística e sua relevância, no que diz respeito ao estudo dos fenômenos linguísticos, conseqüentemente, isso nos guiará para saber que caminhos devemos trilhar, como futuras professoras de língua portuguesa. Quando nos depararmos com a diversidade linguística na

sala de aula, esperamos saber trabalhar da melhor maneira possível com nossos alunos, sempre alertá-los para essas questões linguísticas, esclarecer que a língua possui variantes, para assim tentar contribuir de forma significativa na formação linguística e consciente dos educandos.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T.M. Sociolinguística – parte I. In: BENTES, A.C. MUSSALIM, F.(org) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. V.1. São Paulo: Cortez, 2001.
- BAGNO, M. O que é mesmo variação linguística?. In: **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística**. São Paulo: parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, M. O. Por uma reeducação sociolinguística In: **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística**. São Paulo: parábola Editorial, 2007.